

ANÁLISE DAS EXPRESSÕES DOS LIVROS DE MONTEIRO LOBATO: RACISMO OU REALISMO?

ANALYSIS OF THE EXPRESSIONS OF THE BOOKS OF MONTEIRO LOBATO: RACISM OR REALISM?

Marcos Ramponi dos Santos¹⁷⁵

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as expressões preconceituosas nos livros de Monteiro Lobato, especificamente nas suas obras *Caçadas de Pedrinho*, *Histórias de Tia Nastácia*, *Reinações de Narizinho* e *Histórias do Mundo para Crianças*, verificando como Lobato dá voz aos personagens, quais adjetivos pejorativos são usados, quais conjuntos de comportamentos são usados e quais mensagens sobre a questão racial são expressas, dentro do contexto histórico e cultural em que viveu. A partir do estudo aprofundado sobre a situação do negro no país, a tentativa do branqueamento da população brasileira é destacado o discurso racista sobre a personagem negra Tia Nastácia, proporcionando uma reflexão do racismo e preconceito no início do século XX. Por fim, podemos afirmar, após a realização deste estudo, que suas obras são racistas.

Palavras-chave: Monteiro Lobato. Literatura. Racismo. Preconceito.

ABSTRACT

This article aims to analyze the prejudiced expressions in Monteiro Lobato's books, specifically in his works *Caçadas de Pedrinho*, *Histórias de Tia Nastácia*, *Reinações de Narizinho* and *Histórias do Mundo para Crianças*, verifying how Lobato gives voice to the characters, which pejorative adjectives are used, what sets of behaviors are used and what messages about the racial issue are expressed, within the historical and cultural context in which they lived. From the in-depth study of the situation of black people in the country, the attempt to whiten the Brazilian population highlights the racist discourse on the black character Tia Nastácia, providing a reflection on racism and prejudice in the early twentieth century. Finally, we can state, after carrying out this study, that her works are racist.

Key-words: Monteiro Lobato. Literature. Racism. Prejudice. ABSTRACT

INTRODUÇÃO

Em nossos dias é digno de destaque que temas ligados à valorização e a diversidade étnica, ao preconceito, combate ao racismo, entre outros assuntos, tem sido foco nas discussões acadêmicas e não acadêmicas aqui no Brasil.

Trazer esta discussão com seriedade e de maneira crítica a respeito das desigualdades étnicas, com relevância pela busca de valores, respeito entre as pessoas e

¹⁷⁵ Graduando em Letras pela Universidade Paulista – UNIP (marcosramponi@hotmail.com).

igualdade de direitos é uma tentativa de dar espaço às diversas etnias que fazem parte dos vários grupos da sociedade e tem maior importância aqui em nosso país, levando em consideração sua história de formação, bem como, aspectos de exclusão social, do qual, certa parte da população é vítima.

Ao longo dos últimos vinte e um anos, várias polêmicas tem circundado as obras de Monteiro Lobato como racistas e isto levou vários órgãos, como o MEC, Senado Federal entre outros a analisarem melhor seus livros e darem um parecer para a sociedade.

Mas afinal, as obras de Monteiro Lobato realmente expressam racismo ou retrata a realidade do seu tempo?

Monteiro Lobato é um dos grandes escritores brasileiros de histórias infanto juvenil. Em suas obras encontramos mescladas a fantasia com a realidade. Assim, conseqüentemente, com a realidade nasceram trabalhos com cunho supostamente racistas, mesmo para sua época. Porém, recentemente elas vêm ganhando destaque em discussões com foco de uma provável posição racista por parte de seu autor, como destacado pela Revista Bravo, em maio de 2011, em que apresentou cartas trocadas entre Monteiro Lobato e outras pessoas, com destaque a Arthur Neiva, e que deixa clara sua admiração pelo Ku Klux Klan.

Em face do possível problema apresentado fica evidente a necessidade de mais acurado estudo para esclarecer qual a verdadeira posição do autor com relação ao racismo e se é pertinente uma possível e minuciosa revisão de todas as suas obras. Caso se conclua uma posição racista, elas deveriam passar por revisão para excluir tais partes.

Entre os anos 2000 e 2010, um dos livros de Monteiro Lobato, Caçadas de Pedrinho, sofreu ação e foi denunciado à Secretaria de Políticas de Promoção da Desigualdade Racial, por conter trechos com frases de cunho racista.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar se as frases em suas obras Caçadas de Pedrinho, Histórias de Tia Nastácia, Reinações de Narizinho e Histórias do Mundo para Crianças, podem ser encontradas evidências plausíveis que tragam traços preconceituosos referente as pessoas negras.

Como objetivos específicos, o trabalho irá identificar o lugar do negro na sociedade, segundo a visão do autor e verificar supostas expressões pejorativas direcionadas a raça negra em suas obras.

No capítulo 1 será abordada a importância do negro e o pensamento do branqueamento da população brasileira.

No capítulo 2 será relatada a história de Monteiro Lobato, seu contexto histórico, interesse em escrever para o público infante juvenil e adulto e de maneira resumida sobre o período histórico e literário em que suas obras foram escritas.

Por último, será apresentada uma análise de suas obras, com os trechos cujos discursos supostamente apresentem pensamentos racistas e preconceituosos, através da personagem negra Tia Nastácia.

1 A IMPORTÂNCIA DO NEGRO E O PENSAMENTO DO BRANQUEAMENTO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

Visto como singular e único, assim era visto o Brasil, com a ideia de uma mistura étnica entre os povos, como uma espécie de retalho de cores. Embora isso fosse entendido como algo positivo, fazia com que a nação fosse encarada como um palco degradante das raças, ideia que seria solidificada pela mestiçagem.

A história da população negra na sociedade brasileira foi marcada pela condição escravista. Inúmeros relatos podem ser vistos em telenovelas, literaturas e obras de arte e percebemos que estas limitaram-se a descrever o negro na condição econômica como uma mercadoria; no campo cultural como um ser raro e estranho e na esfera política como impossível de ter visões com propostas.

Esses acontecimentos que começaram no período colonial barraram o acesso dos afro-brasileiros no âmbito da igualdade, mercado de trabalho e de maneira especial na educação, mesmo depois da abolição da escravatura. Após décadas, vemos os resquícios desse período colonial que permanece com o racismo de forma velada, criando certas separações entre brancos e negros. Para Hasenbalg, essas questões raciais e o preconceito continuam atuante, mesmo tendo mudado de forma:

a) a discriminação e preconceito raciais não são mantidos intactos após a abolição, mas, pelo contrário, adquirem novos significados e funções dentro das novas estruturas e b) as práticas racistas do grupo dominante branco que perpetuam a subordinação dos negros não são meros arcaísmos do passado, mas estão funcionalmente relacionadas aos benefícios materiais e simbólicos que o grupo branco obtém da desqualificação competitiva dos não-brancos (HASENBALG, 1979, p. 84).

Ainda de acordo com Hasenbalg, os não-brancos continuam em desvantagem em vários aspectos:

Nascer negro ou mulato no Brasil normalmente significa nascer em famílias de baixo status. As probabilidades de fugir às limitações ligadas a uma posição social baixa são consideravelmente menores para os não-brancos que para os brancos da mesma origem social. Em comparação com os brancos, os não-brancos sofrem uma desvantagem competitiva em todas as fases do processo de transmissão de status. Devido aos efeitos de práticas discriminatórias sutis e de mecanismos racistas mais gerais, os não-brancos têm oportunidades educacionais mais limitadas que os brancos de mesma origem social. Por sua vez, as realizações educacionais dos negros e mulatos são traduzidas em ganhos ocupacionais e de renda proporcionalmente menores que as dos brancos (HASENBALG, 1979, p. 220-221).

Mesmo discriminado pela sociedade, o negro teve importância nas artes, culinária e cultura brasileira, mas somente a partir do século XX.

Hoje em dia nas escolas, quase nada sabemos sobre a África, seus costumes, identidade, cultura e culinária, a não ser sobre sua religião. Podemos até pensar que ela não teve contribuição nenhuma para o Brasil e o mundo, mas não é bem assim. Muito se fala sobre os gregos, egípcios, romanos entre outros povos, mas pouco sobre os africanos. Entender um pouco sobre eles é importante para compreendermos sobre o negro no Brasil.

Chegando os portugueses na África, os africanos tinham pleno domínio de várias técnicas, uma delas era o plantio. Os povos que estavam a oeste da África possuíam sistemas agrícolas bem elaborados e desenvolvidos, amplo comércio ordenado e dominavam várias ligas artesanais. Inúmeros povos africanos contavam com técnicas na siderurgia e metalurgia, que eram avançadas, mesmo para os europeus. Manejavam muito bem o estanho e o cobre e trouxeram essas técnicas para o Brasil. Os portugueses só conheceram a enxada de ferro por meio dos ganeses e nigerianos (SILVA, 2011, p. 29).

Aqui no Brasil os negros foram os responsáveis pela construção da civilização brasileira, sendo a força motriz do senhor do engenho e sem essa mão-de-obra escrava, não seria possível aumentar a fazenda e conservá-la, tampouco manter os engenhos e outras áreas em funcionamento, pois os trabalhos eram quase todos braçais.

O negro deixou um importante legado no nosso país em vários aspectos, povoando a nação, mesmo contra sua vontade. Deixaram marcas na ciência, economia, artes, além de outras áreas. Foi com sua força que fez o Brasil prosperar e sustentar a nobreza. Na condição de escravos, também tinham a missão de se reproduzir, para aumentar os lucros de seu senhor, levando conforto e aumentando as posses dos seus donos. Com o esforço do seu trabalho mantiveram muitos filhos de coronéis e fazendeiros nas melhores faculdades do Brasil e do mundo. Apesar de sofrerem privações,

desrespeito, apanharem, sofrerem castigos terríveis e até a morte, ainda assim levavam alegria aos brasileiros, em contraste com o jeito calado do caboclo e a melancolia do europeu. Suas risadas quebravam o ar triste e silencioso.

Em 1789, no primeiro dicionário monolíngue do idioma português já eram identificadas, segundo Antônio Morais e Silva, inúmeras palavras de origem africana, tais como: batucar, cafuné, malungo e quiabo e estas já eram faladas entre os brasileiros. Mais tarde em 1880, como comentado na Revista Brasileira, essas palavras ganharam destaque com o título “Sobre algumas palavras africanas introduzidas no português que se fala no Brasil” (MENDONÇA, 2012, p.7). Outras palavras também se tornaram populares, como quitute, vatapá, aracajé, canjica, cachaça, caruru, camundongo, dendê, jiló, entre outras.

Na gastronomia misturavam temperos para criar pratos saborosos, apreciados até hoje em várias partes do mundo. Mungunzá, sarapatel, cocada, bala de coco, vatapá são apenas algumas das suas contribuições que hoje fazem parte da culinária brasileira, mas com origem africana. Dentre os pratos, a feijoada se destaca como um dos mais importantes e apreciados, conhecido internacionalmente.

Na música houve contribuições nos ritmos que fazem parte da base da música popular brasileira. Tiveram influência os gêneros de musicais coloniais como o lundu e este deu origem a base rítmica como a bossa-nova, o choro, o samba entre outros. Agogô, berimbau e afoxé são alguns exemplos de instrumentos com origem africana.

Na literatura, artes, arquitetura e liderança de movimentos negros, nomes como Machado de Assis, Aleijadinho, Luís Gama e Zumbi dos Palmares, são alguns dos importantes personagens que ganharam destaque, enriqueceram nossa cultura e marcaram a história. Produziram obras, inspiraram filmes e telenovelas, além de enriquecer nossas bibliotecas, teatros, museus e ampliar nossos horizontes, nos fazendo refletir sobre assuntos relevantes do nosso cotidiano. Inúmeras obras destas personalidades negras brasileiras retratavam seu cotidiano, com suas lutas e anseios, pois apesar de algumas delas não mais viverem sob a crueldade da escravatura, ainda sentiam e provavam suas consequências, sofrendo racismo e discriminação.

Ainda no período colonial foi criado o mulato que juntamente com os negros, formariam a maior parte da população brasileira. Segundo Moraes:

[...] a construção ideológica da figura do mulato (mestiço, pardo, moreno ou termo similar), no Brasil, serviu para amortecer o choque racial. “Como os negros constituíam, desde o período colonial, a maioria da população, e os brancos uma minoria, fabricou-se uma categoria intermediária, o mulato, que servia como válvula de escape para a tensão racial.” Essa percepção – ou a inexistência dela – de uma nação miscigenada onde há mais “moreninhos”, “cor de café com leite”, “brancos sujos” (além de tantos outros eufemismos empregados) do que negros que se nomeiem ou sejam nomeados como tal, é uma característica do nosso racismo. (MORAES, 2013, p. 22)

Após a abolição da escravatura essa raça numerosa causou preocupação de certa parte da elite branca, os que mantinham preconceito racial abolicionista. Inicialmente surgiu a ideia do branqueamento da população, que promoveu a imigração dos europeus. Mais tarde, houve o surgimento do mito da democracia racial, que em sua teoria, pode ser entendida como um sistema racial que não tem nenhum tipo de barreira legal ou institucional no que se refere a igualdade racial e é um sistema racial destituído de qualquer tipo de manifestação de discriminação ou preconceito. Esta ideia tinha em seu discurso o conceito de democracia social, como destaca Abdias:

“[...] erigiu-se no Brasil o conceito de democracia racial; segundo esta, pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência. [...] A existência dessa pretendida igualdade racial constitui o maior motivo de orgulho nacional [...]. No entanto, devemos compreender democracia racial como significando a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais do governo, assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país” (NASCIMENTO, 1978, p. 41 e 92).

Este conceito de uma democracia racial não surgiu pelo mero acaso, pelo contrário, foi construída pelo mito do senhor benigno, que pode ser associado com o mito dos bondosos colonizadores. Neste sentido, foi criado o imaginário de uma bondade intrínseca aos colonizadores que era enfatizada pela influência da igreja católica durante o processo de colonização.

A solução encontrada para resolver o mal do Brasil degenerado e mestiço era criar uma ideologia que restabeleceria o branqueamento racial, amplamente aceita pela elite brasileira entre os anos 1889-1914 (SKIDMORE, 1976, p. 81). O pensamento do branqueamento da população era uma das estratégias das elites, ideia do pensamento nacional. Uma de suas preocupações estava no pensamento de certa reformulação étnica

dos brasileiros, o que poderia alcançar o sucesso com o progresso e o desenvolvimento nacional. Como comenta Gomes:

Nessa política encontra-se a ideia de que a miscigenação levaria o Brasil do futuro a assistir ao surgimento de um novo tipo racial que logicamente não estaria próximo ao negro, mais um tipo híbrido, mais aproximado do europeu. Para se chegar ao branqueamento desejado existiam dois caminhos a seguir: a miscigenação e a imigração europeia, pois pensava-se que desta forma o negro desapareceria de maneira gradual e com ele a questão racial no país. [...] O projeto de branqueamento, visível nas políticas e na legislação sobre a imigração brasileira, foi também o resultado do pensamento, divulgado pelas elites, de que o atraso do país era decorrente da sua composição racial. (GOMES, 1995, p. 82-83)

Estas ações tiveram como estrutura a ação direta do Estado brasileiro ou com seu total consentimento, isto porque ele assumia uma posição de administrador e mediador dos conflitos raciais e sociais. Entre o final do século XIX até meados de 1920, o Brasil teve uma entrada considerável de imigrantes europeus, garantindo a ação política e cultural da imigração. Entre 1890 a 1914, mais de 1,5 milhão de europeus atravessaram o Atlântico, com destino ao Brasil, mais especificamente ao Estado de São Paulo, com 63,6% das passagens pagas pelo Governo do Estado (ANDREWS, 1998).

Esses imigrantes foram a força de mão-de-obra em diversas culturas, como a do café, que chegou a ocupar o terceiro lugar, 18,4% na pauta das exportações. Com a chegada desses europeus aumentavam a probabilidade para o plano do branqueamento da população brasileira. Conforme afirmou Lucia Lippi Oliveira: “o imigrante teria dois papéis principais, o de preencher a demanda dos serviços braçais e o do branqueamento da população brasileira” (OLIVEIRA, 2002, p. 10). Após a abolição, o Brasil não tinha problema com demanda de mão de obra, mas por questões raciais os fazendeiros não contratavam os negros recém libertos, antes, preferiam contratar os imigrantes brancos.

Desta forma, estes imigrantes de cor branca, reforçariam a predominância caucasiana, que seria a salvação do país para o inimigo racial, que era a raça negra. Para atrair estes imigrantes, o governo brasileiro usava a propaganda com oferecimento de terras e auxílio, até que eles pudessem se manter com seus trabalhos.

Esta teoria do branqueamento da população brasileira ganhou força e base na tese de João Batista de Lacerda, que era o então diretor do Museu Nacional no Rio de Janeiro, e foi para Londres em 1911 como representante oficial do Brasil para apresentar no Congresso Internacional das Raças um estudo com argumentação em que o Brasil,

mestiço em sua época, estava em transição de cor, sendo embranquecido (MAIO & SANTOS, 2018, p. 7). Ele destacava que com a imigração dos europeus e outros fatores sociais, em cerca de 100 anos, toda a população brasileira seria totalmente branca e já não existiria a população negra e apontava que a eugenia caucasiana seria predominante nesse processo (SKIDMORE, 1976, p. 82-84).

A palavra eugenia tem sua origem no grego, eu – bem/bom e genéia – evolução/origem/raça, ou seja, boa linhagem. Conhecida como a ciência da eugenia ou ciência da boa geração, foi criada por Francis Galton no final do século XIX, na Inglaterra, e teve como foco a evolução da raça humana, levando em consideração as características físicas tais como cor dos olhos e da pele e não físicas, como a inteligência. Francis Galton foi inspirado para desenvolver sua teoria depois da leitura do livro de Charles Darwin A Origem das Espécies.

A ideia eugênica remontava à época dos gregos na Antiguidade, em que eles, motivados pela perfeição, buscavam constantemente a beleza e força de seus corpos. Desta forma, os eugenistas traçavam perfis e biotipos de uma classe que poderia fazer parte de uma sociedade evoluída. Motivados pelo racismo e com a ideia do branqueamento da população, inúmeros intelectuais aderiram a este projeto. Aqui no Brasil, com a chegada da família real, diversos antropólogos, médicos, juristas, cientistas e intelectuais entendiam que a causa da degeneração e atraso do Brasil estava no fato da maior parte de sua população ter sangue mestiço e isso inferiorizava o ser humano, pois essa combinação rebaixava o homem (SANTANA, 2019).

A abrangência e extensão tomados pela ciência no século XIX, levando em conta essas novas ideias influenciaram inúmeros pensadores e um deles foi Monteiro Lobato, no século XX, e o levou a aprofundar seus estudos neste campo de pensamento para tentar erigir a identidade do país recém-republicano.

A classe intelectual brasileira, desde o começo do século XX até por volta dos anos de 1950 viam na heterogeneidade uma barreira robusta para a implementação desta identidade nacional. Entretanto, a personagem principal desta pesquisa, com uma mistura de político e cientista, intelectual e escritor, deveria assumir uma posição a favor ou contra das doutrinas europeias que lhe foram apresentadas e posicionar-se em relação a miscigenação.

Assim sendo, para Monteiro Lobato, posicionar-se sobre a questão da mistura de raças enquanto problema racial foi uma questão de nacionalismo e pensar no papel do

negro a frente de importantes papéis na sociedade seria fator de degenerescência e atraso racial. Em seus livros Caçadas de Pedrinho, Histórias de Tia Nastácia, Reinações de Narizinho e Histórias do Mundo para Crianças encontramos evidências que fundamentaram este trabalho.

2 MONTEIRO LOBATO, SEU CONTEXTO HISTÓRICO E INTERESSE EM ESCREVER PARA O PÚBLICO INFANTO JUVENIL E ADULTO

José Bento Monteiro Lobato nasceu em 18 de abril de 1882, mas afirmava que tinha nascido em 1884 na cidade de Taubaté (ROSCHEL, s.d.). Mais tarde foi registrado com o nome de José Renato Monteiro Lobato, cujas inscrições “JRML” estavam gravadas numa bengala que herdou. Seus pais, José Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato, filha de José Francisco Monteiro era barão e depois, virou o visconde de Tremembé. Seus avós paternos também possuíam grandes fazendas de café no Vale do Rio Paraíba. Monteiro Lobato, como era conhecido, foi inventor, escritor, jornalista, romancista, contista, editor e crítico literário (ENCICLOPÉDIA, s.d.).

Cursou o primário no Colégio Paulista de Taubaté e o ginásio no Colégio Coração de Jesus, que era sua cidade natal. Neste período escolar começou a escrever seus primeiros artigos, com o pseudônimo de Josbém, para o Jornal estudantil O Guarani. Em 1896 se mudou para a capital de São Paulo onde finalizou seus estudos preparatórios no Instituto de Ciências e Letras, onde ganhou prestígio pelas participações nos jornais O Patriota e A Pátria, como também nas sociedades literárias, onde eram debatidos importantes temas de diversos assuntos.

Após o falecimento do seu pai em 1898 e sua mãe um ano após, ele foi morar com seu avô materno, que era totalmente contrário com seu ingresso na Escola de Belas-Artes. Foi veemente em convencê-lo a matricular-se na Faculdade de Direito de São Paulo, onde iniciou o curso em 1900. Não dedicou-se aos estudos específicos, antes, teve maior interesse em participar das atividades do grêmio literário. Ainda na faculdade, foi co-fundador da associação literário O Cenáculo, onde teve grande impacto na sua formação e mais tarde motivou a criação do jornal O Minarete, editado em Pindamonhangaba, Estado de São Paulo, com a colaboração de um amigo de faculdade. Lobato era o maior entusiasta desse projeto, muitas vezes era ele quem escrevia todas as matérias do jornal e usava inúmeros pseudônimos. Foi nesse mesmo tempo em que participou no

Combatente, que era editado na capital de São Paulo e no Povo, de Caçapava, Estado de São Paulo.

Após formado em 1904, voltou para Taubaté, interior da capital paulista e ali permaneceu por aproximadamente um ano e meio, dedicados à leitura e trabalhando na redação de artigos para o Jornal de Taubaté. Como tinha a intenção de se casar, em 1906 começou a trabalhar como procurador público interino do município onde logrou êxito e foi efetivado no ano seguinte na promotoria de Areias, São Paulo. Dois anos depois, em 1908, casou com Maria Pureza Natividade e teve quatro filhos. Continuou escrevendo com dedicação, com ênfase em contos e artigos para jornais do interior e começou também a traduzir matérias do Weekly Times para o jornal O Estado de São Paulo.

Apesar da distância e compromissos, não esqueceu os amigos da faculdade e manteve contato com eles e estes por sua vez, o mantinha informado sobre eventos culturais de relevância. Lobato queria sair de Areias e para isso, começou a escrever em 1909 para o jornal A Tribuna, de Santos, litoral paulista e a Gazeta de Notícias, no Rio de Janeiro, que era o Distrito Federal. Apesar de trabalhar muito, essas atividades não davam retorno financeiro para ele sustentar a família e foi nesse tempo que quase desistiu da literatura e do jornalismo.

Com a morte de seu avô em 1911, sua vida mudou radicalmente. Herdeiro da fazenda Buquira, localizada na zona rural de Taubaté, Lobato mudou-se para a propriedade com sua família e começou a fazer melhorias, modernizando os processos produtivos e administrativos empregados ali. Mesmo envolvido com os trabalhos da terra, não deixou de escrever, continuou bem informado sobre os fatos relevantes no campo cultural, dedicando-se a leitura de livros clássicos e escrevendo para jornais. Como não tinha familiaridade e experiência com a administração de fazenda, não alcançou êxito.

Publicou no jornal O Estado de São Paulo, em novembro de 1914 um artigo com o título Velha Praga, onde descrevia seus principais desafios em administrar a produção rural e sobre os incêndios, problema provocado pelos colonos. Como o artigo teve grande repercussão, no mês seguinte foi desdobrado por outro, com o título O Cabloco e o Urupê do Pau Podre que Vegeta no Sombrio da Mata. Sua intenção era descrever os caboclos que eram trabalhadores de sua fazenda, sem idealismo, romantismo e de maneira autêntica. Foi com isso que criou o personagem Jeca Tatu, que era um homem preguiçoso, ignorante, indolente e era o principal responsável pelo infortúnio do fazendeiro.

Como não tinha afinidade como administrador de terras, vendeu sua fazenda em 1917 inspirado pelo sucesso com o qual seus artigos tinham destaque na imprensa e voltou para a capital de São Paulo, continuando a escrever para o jornal O Estado de São Paulo, a Revista do Brasil, entre outras publicações. Teve interesse em temas da cultura brasileira como o Saci Pererê e iniciou uma pesquisa sobre o tema, o que despertou grande interesse e teve como resultado a publicação de um volume com diversas ideias e opiniões sobre esse personagem.

Em 1918 comprou a Revista do Brasil, criada dois anos antes. Nesse período lançou em julho desse ano seu primeiro livro, reunindo contos e artigos anteriormente publicados, inclusive Urupês, que veio a dar nome à coletânea. Esta primeira edição se esgotou rapidamente e criou debates fervorosos entre políticos e intelectuais, sobre a personagem Jeca Tatu, que foi motivado pelas discussões e com base nas denúncias dos higienistas sobre a questão sanitária da população rural. Como foi grande a repercussão, Lobato reuniu diversos artigos sobre o tema e publicou um novo livro com o título Problema Vital, que foi editado no fim de 1918 pela Sociedade Eugênica de São Paulo e pela Liga Pró-Saneamento do Brasil. Com os recursos da venda desses dois livros, foi fundada naquele ano a Editora Monteiro Lobato, que tinha foco em autores que estavam começando a escrever, como Oswald de Andrade, Ribeiro Couto, Menotti del Picchia, Gilberto Amado, entre outros.

Nesse período Lobato se afastou da atividade literária e se dedicou a administração da sua nova empresa e reeditou artigos antigos, que foi reunido nos livros Cidades Mortas, Ideias de Jeca Tatu e Onda Verde, todos publicados em 1919. Mais tarde, em 1921, escreveu A Menina do Narizinho Arrebitado, em que conseguiu enorme sucesso, com a venda de cinquenta mil exemplares. No mesmo ano escreveu O Saci e no ano seguinte, O Marquês de Rabicó e Fábulas e Jeca Tatzinho. Foi com a propaganda deste último livro que conseguiu a propaganda do remédio Biotônico Fontoura, que era produzido pelo Laboratório Fontoura. Em 1923 escreveu o livro O Macaco que Se Fez Homem e O Mundo da Lua, ambos fizeram sucesso e deram notável destaque à sua editora. Em 1925, após dificuldades financeiras e por políticas econômicas, a editora faliu.

Nessa época Lobato não tinha muitos recursos financeiros, se associou com outras pessoas e juntos fundaram a Companhia Editora Nacional. Mudou-se para o Rio de Janeiro onde voltou a escrever para O Jornal, com o título Os Diálogos com Mister Stang e

outra para A Manhã, chamada O Choque de Raças. Anos depois elas foram publicadas como livro.

Em 1927, depois da posse do presidente Washington Luís, Monteiro Lobato foi nomeado adido comercial do Brasil em Nova Iorque, onde ficou impressionado com o avanço em vários setores da economia americana, em especial o petróleo e o ferro e foi incentivado a investir na bolsa de valores dos Estados Unidos. Vendeu sua editora e investiu tudo em ações, mas perdeu em 1929, com a quebra da bolsa de valores. Com enorme desânimo, escreveu um livro nos Estados Unidos com o título América e trabalhou na elaboração e adaptação de histórias infantis. Voltou ao Brasil em 1931 e insatisfeito com o Governo Provisório, buscou reunir apoio de empresários brasileiros. Naquele mesmo ano fundou o Sindicato Nacional de Indústria e Comércio, que tinha como foco a exploração do ferro e a Companhia Petróleos do Brasil.

Em 1932 estourou a Revolução Constitucionalista de 1932 e com esses eventos entre outros, por falta de ser bom administrador, esses negócios não deram certo. Nesse ano, fracassado, voltou a escrever livros infantis, como Viagem ao Céu, Histórias do Mundo para Crianças e As Caçadas de Pedrinho. Em 1935 escreveu Geografia de Dona Benta, Histórias das Invenções, Memórias e Contos Leves e Contos Pesados. Um ano depois, após embates no setor petrolífero no qual estava envolvido, escreveu O Escândalo do Petróleo. Em 1937 escreveu Histórias de Tia Nastácia, Os Serões de Dona Benta e O Poço do Visconde. Dois anos depois, escreveu O Minotauro, Maravilhosas Aventuras dos Netos de Dona Benta na Grécia Antiga e O Picapau Amarelo: O Sítio de Dona Benta, Um Mundo de Verdade e Mentira.

Em 1940, Governo de Getúlio Vargas, fez duras acusações contra seus órgãos e em março de 1941 foi preso e condenado a seis meses de prisão, mas como a pena foi reduzida, só cumpriu três. Desanimado e em estado de depressão, em 1942 escreveu A Chave do Tamanho, livro com fortes indícios em relação ao futuro. Um ano depois se recuperou, quando a Companhia Editora Nacional publicou uma edição de comemoração dos vinte e cinco anos de publicação de Urupês. Em 1944 dedicou-se na narrativa da aventura de Hércules e na elaboração de outro livro, a Barca de Gleyre, no qual reuniu cartas trocadas com Godofredo Rangel durante quarenta anos. Foi nesse mesmo ano que participou da fundação da Editora Brasiliense com Artur Neiva e Caio Prado Júnior, em São Paulo.

Em 1945, desapontado e descrente com os partidos políticos e a política, foi para a Argentina para fazer adaptações de suas obras infantis para a língua espanhola. Em Buenos Aires fundou a Editora Acteon e publicou o livro *La Nueva Argentina*, com grande aceitação. Em 1948 voltou para o Brasil, se envolveu com o Partido Comunista Brasileiro, com nome à época de Partido Comunista do Brasil e foi nessa época que lançou o folheto *Zé Brasil*. Em 21 de abril de 1948 sofreu um derrame vascular, enfraquecendo sua capacidade mental, o que o levou a morte em 4 de julho de 1948 (FERREIRA, s.d.).

Em sua vida Lobato escreveu nada menos que 26 livros para os pequeninos. É um dos nomes de destaque na literatura infanto juvenil do Brasil e um dos mais destacados da América Latina e também do mundo. Em 1946, sua obra completa foi elaborada e reformulada pelo próprio Monteiro Lobato. Sua genialidade estava a frente de seu tempo (ROSCHER, s.d.).

Muito do que Lobato escreveu foi para o público infantil, apesar de ter escrito para todos os públicos. No Brasil, apareceram os primeiros livros para crianças no final do século XIX. Alberto Figueiredo Pimentel foi um dos primeiros autores a fazer adaptações e introduzir contos europeus. Ele publicou contos com traduções de Perrault, dos irmãos Grimm e de Andersen, em obras como *Histórias da Baratinha*, *Contos da Carochinha* e *Histórias da Avozinha*. Anteriormente a este período não haviam livros infantis, porque até então, como não havia infância, não havia o porquê escrever para este público. Assim, as primeiras obras traduzidas de línguas estrangeiras para o público adulto, foram adaptadas por Charles Perrault para o público infantil.

Os contos de fada conhecidos atualmente surgiram na França, ao final do século XVII, com Perrault, que editou as narrativas folclóricas contadas pelos camponeses, retirando passagens obscenas de conteúdo incestuoso e canibalismo. Assim, acredita-se que, antes do cunho pedagógico, houve o objetivo de leitura e contemplação pela mente adulta. Acredita-se também que a mitologia grega já possuía um modo particular de transmitir o contexto da história de “Chapeuzinho Vermelho”. Posteriormente, Charles Perrault trouxe a história moralizadora e mais adequada aos ambientes sociais que conviviam na época. A história da menina e do lobo sofreu ainda alterações por Hans Christian Andersen e pelos Irmãos Grimm (SILVA, 2009, p. 137).

Segundo Cunha, 1987, p. 20, aqui no Brasil, a literatura começou com obras de cunho pedagógico e principalmente adaptadas de produções portuguesas, porque até então o Brasil era uma de suas colônias. Zilberman comenta que a literatura infantil surgiu tardiamente porque a ideia de infância só ganhou proporções com a proclamação da

República, momento em que o país passava por várias transformações (ZILBERMAN, 2005, p. 24).

Neste cenário, Monteiro Lobato se destacou, pois foi o precursor de literatura voltados para o público infantil. Cademartori destaca que a literatura brasileira voltada para este público começou sob a égide de um dos precursores e intelectual brasileiro, Monteiro Lobato. Se por um lado este fato deu prestígio ao gênero por ocasião do seu surgimento, por outro Lobato ficou por muito tempo como um dos grandes nomes e a literatura infantil viveu à sua sombra (CADEMAROTI, 1987, p. 43). Segundo Cunha, reafirma o pensamento que foi com o escritor Monteiro Lobato que teve início a grande e verdadeira literatura brasileira voltada para o público infantil (CUNHA, 1987, p. 24).

Silva concorda dizendo que:

Falar em literatura infantil brasileira é falar em Monteiro Lobato, escritor ultrapassou as fronteiras do Brasil, conquistando popularidade junto ao público leitor latino americano ainda no início dos anos 40. Mais do que isso: falar em escrever, traduzir, editar e distribuir livros neste país é falar em Lobato, homem ímpar, cujo maior empenho estava em mudar a face arcaica do Brasil, em trazer o país para a modernidade. Foi ele quem cunhou a célebre frase: “Um país se faz com homens e livros”, assertiva que nem os recentes ventos da globalização têm conseguido abalar (SILVA, 2009, p. 117).

As obras de Lobato exibem uma ligação do autor com o meio em que está inserido, aspecto pouco abordado na literatura até então. Em suas obras são encontradas cenas do cotidiano nacional, como a Turma do Sítio do Picapau Amarelo e ele cria a fantasia e aguça a imaginação, mas não foge de questões sociais como o racismo e o preconceito, amplamente abordados em suas obras. Durante os anos de 1920, após a Semana do Modernismo de 22, ele quebra a tendência realista e traz o imaginário brasileiro a flora e entre os anos de 30 e 40 ele permaneceu como o principal representante da literatura infantil.

3 ANÁLISE DOS LIVROS DE MONTEIRO LOBATO

Neste capítulo analisaremos quatro obras de Monteiro Lobato, sendo elas: Caçadas de Pedrinho, Histórias de Tia Nastácia, Reinações de Narizinho e Histórias do Mundo para Crianças. Abaixo estará um pequeno resumo de cada uma delas.

O Livro Caçadas de Pedrinho inicialmente teve origem em outro livro, A Caçada da Onça, escrito em 1924. Empolgado com a história, Lobato decidiu ampliar a obra e lançou em 1933 Caçadas de Pedrinho, literatura que obteve bastante sucesso por vários

anos. Nesta obra ele apresenta os principais personagens que marcaram gerações de brasileiros, quer seja pela literatura, pelas séries de televisão, rádio ou cinema. Os personagens principais que aparecem aqui são: Pedrinho, Narizinho, Emília, Dona Benta, Tia Nastácia, Marquês de Rabicó e o Visconde de Sabugosa. Na história, Pedrinho organiza uma caçada a uma onça que estava rondando o sítio (LOBATO, 2012, p. 9).

Histórias de Tia Nastácia foi publicado em 1937 e tem 43 histórias do folclore brasileiro contadas pela cozinheira da família, Tia Nastácia. São causos, contos e superstições contadas no serão da varanda do sítio. Como são histórias populares do imaginário brasileiro, são recontadas pela personagem do jeito que ela as ouviu. Ao longo das histórias, seus ouvintes, Dona Benta, Emília, Narizinho e Pedrinho interagem (LOBATO, 1993).

No livro *Reinações de Narizinho*, a maioria das histórias foi escrita entre 1927 e 1930, período que seu autor morou em Nova York, mas foi publicado apenas em 1931. Foram reunidas seis das onze histórias que Monteiro Lobato criou com sua fértil imaginação (LOBATO, 2007, p. 9).

Histórias do Mundo para Crianças é Dona Benta quem conta após receber pelos Correios o clássico *Child's History of the World*, de V. M. Hillyer. Ela decide reunir a turma para narrar os fatos, começando com a criação do mundo, passando pelos grandes impérios, guerras e revoluções. Lançado inicialmente em 1933, mas revisto e republicado mais tarde pelo próprio Lobato.

Todos os títulos como descritos acima são destinados ao público infantil, apesar de lido e relido por todas as faixas etárias. O que há em comum em todas as obras mencionadas é que elas trazem um sujeito discursivo preconceituoso. Não apenas em seus livros, mas também em suas cartas, vemos que Monteiro Lobato tem um posicionamento bastante claro com relação ao racismo. Ele é racista e isso fica evidente com suas declarações.

De acordo com a CONAQ, racismo é:

Discriminação social baseada no conceito de que existem diferentes raças humanas e que uma é superior às outras. Esta noção tem base em diferentes motivações, em especial as características físicas e outros traços do comportamento humano. Consiste em uma atitude depreciativa e discriminatória não baseada em critérios científicos em relação a algum grupo social ou étnico. O racismo no Brasil é crime previsto na Lei n. 7.716/1989, e inafiançável e não prescreve, ou seja, quem cometeu o ato racista pode ser condenado mesmo anos depois do crime (CONAQ, s.d.).

Quando Monteiro Lobato lançou seus primeiros livros, o Brasil não era mais um país escravocata, porém, o racismo estava presente em diversas esferas da sociedade, como nos dias atuais. Os negros já tinham conquistado sua liberdade, estavam garantindo direitos e alguns ganhavam destaque na sociedade. Escrever sobre os negros com desmerecimento, adjetivos negativos, insultando com as falas dos seus personagens era uma forma do escritor manifestar sua posição com relação ao assunto. É simplesmente injustificável que Lobato apenas retratasse a realidade de seu tempo.

Lobato, um influente autor brasileiro do século XX, era racista de perigosa influência nos bancos escolares, consumido com avidez pelas crianças. Porém...“Há evidências suficientes para afirmar que [...] Monteiro Lobato era de fato racista [...] foi membro da Sociedade Eugênica de São Paulo e amigo pessoal de expoentes da eugenia no Brasil, como os médicos Renato Kehl (1889-1974) e Arthur Neiva (1880-1943). Uma carta escrita por Lobato a Neiva, em 1928, desmancha dúvidas dos mais intransigentes. Eis um trecho dela, conforme o original: “Paiz de mestiços onde o branco não tem força para organizar uma Kux-Klan, é paiz perdido para altos destinos. André Siegfried resume numa phrase as duas attitudes. ‘Nós defendemos o front da raça branca – diz o Sul – e é graças a nós que os Estados Unidos não se tornaram um segundo Brazil’. Um dia se fará justiça ao Klux Klan [...] que mantem o negro no seu lugar” (DIAS, 2013).

A eugenia tem em sua base a purificação da raça branca e para alcançar este objetivo, orienta que o casamento seja entre pessoas brancas e saudáveis. O escritor deixa clara sua admiração pela Ku Klux Klan (KKK) ou simplesmente Klan, organização terrorista, que sempre teve por objetivo promover a supremacia branca e promoveu ao longo das décadas ataques violentos contra negros e simpatizantes dos direitos dos negros (SILVA D. N., s.d.).

Bignotto apresenta pelo menos duas razões que explicam o porquê do racismo nos livros infantis à época de Lobato.

O racismo evidente nos livros infantis que circularam na Primeira República pode ser explicado por meio de algumas hipóteses. Em primeiro lugar, era efeito do racismo que estruturava (e ainda estrutura) a sociedade brasileira. Em segundo, era produto do racismo que permeava o sistema de ensino do período (BIGNOTTO, s.d.).

Lobato, aderindo aos ideais eugênicos, dá voz as suas personagens e deixa claro seu posicionamento com relação às raças. Na fala de Dona Benta, uma velha de cor branca de mais de sessenta anos, cheia de sabedoria, ele expõe que a raça branca ou ariana é superior às demais.

— Qual a principal dessas raças, vovó? — perguntou a menina. — A Ariana, evidentemente...Em todo caso os arianos foram os primeiros a domesticar o cavalo selvagem, o boi e o carneiro. [...] Tinham o nome de helenos porque foi uma homem chamado Heleno, de origem ariana, que se estabeleceu naquelas terras e formou o povo. Hélade era o nome da terra dos helenos. [...] Mas tudo tem fim. O rei da Babilônia aliou-se a um povo ariano muito valente, chamado os medos, com o fim de, juntos, darem cabo dos assírios. E deram. Babilônios e medos atacaram a cidade de Nínive e a varreram da superfície da terra [...] Vinte séculos antes de Ciro, uma ramo da família ariana havia emigrado da Pérsia para a Índia, onde deram origem a um povo numeroso. Esse povo foi desenvolvendo a seu modo e acabou dividido em classes (LOBATO, 2004, p. 14; 23; 38; 41).

Nos trechos mencionados o escritor afirma que a raça ariana esteve envolvida nos principais eventos mundiais e a coloca como a principal. Se não fossem os arianos, a civilização não seria a mesma, pois eles tiveram influência e interferência nos grandes momentos da história. Já os outros povos e raças não são mencionados com a mesma ênfase, a não ser a raça negra, alvo de injúrias.

De acordo com a Enciclopédia do Holocausto, sobre a origem dos arianos, temos a seguinte definição:

A palavra ariano tem uma longa história. Inicialmente, era usada para se referir a grupos de pessoas que falavam uma variedade de línguas relacionadas, incluindo a maioria das línguas europeias e muitas línguas asiáticas. Com o tempo, porém, a palavra adquiriu significados novos e diferentes. No final do século XIX e início do século XX, alguns intelectuais e outros transformaram os arianos em uma "raça" mítica que eles afirmavam ser superior a outras raças. Na Alemanha, os nazistas promoveram essa falsa noção que glorificava o povo alemão como membro da "raça ariana", enquanto difamava judeus e negros, além de roma e sinti (ciganos) como "não arianos" (ARIANOS, 2021).

O contraste entre Dona Benta e Tia Nastácia é claro na literatura lobatiana. Dona Benta é cheia de sabedoria, letrada, fala o português na sua forma culta e tem uma segunda língua, o inglês. Já Tia Nastácia é ignorante, não sabe ler e tem apenas o conhecimento popular brasileiro. Essa comparação é feita pelo autor ao dar voz aos personagens. Tia Nastácia é a negra de estimação que carregou Lúcia em pequena (LOBATO, 2007, p. 12). Nesta frase Lobato nos transmite a ideia que ela era posse de alguém, tinha uma dona e que servia como ama de leite. Ela não tem muito destaque, fica quase o tempo todo na cozinha e faz breves aparições em outras partes do sítio. Em vários momentos, ela é confrontada pela boneca Emília, o que não acontece com a mesma frequência com Dona Benta.

— Pois cá comigo — disse Emília — só aturo essas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não tem humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beçuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto (LOBATO, 1993, p. 18 e 19).

Vemos que ao longo das narrativas, o escritor dá voz à personagem Emília expressando seus sentimentos com relação ao povo negro que tem suas tradições, conhecimentos e crenças. Além disso, o racismo escancarado fica evidente com os adjetivos pejorativos nas falas da personagem Emília e de outras personagens.

— Bem se vê que é preta e beçuda! Não tem a menor filosofia, esta diaba. Sina é o seu nariz, sabe? Todos os viventes têm o mesmo direito à vida, e para mim matar um carneirinho é crime ainda maior do que matar um homem. Facínora! (LOBATO, 1993, p. 52-53).

Após cada história contada pela Tia Nastácia, os personagens comentam, na maior parte das vezes de forma negativa e difamatória, rebaixando-a. A maioria desses comentários é feito menção à pobreza e a ingenuidade da imaginação popular.

— Sim — disse Dona Benta. — Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo...Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Tia Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não fazem senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda [...] — É o que eu digo — ajuntou Emília. — O povo, coitado, não tem delicadez, não tem finuras, não tem arte. É grosseiro, tosco em tudo o que faz. Este livro vai ser só das histórias populares do Brasil, mas depois havemos de fazer um só de histórias compostas por artistas, das lindas, cheias de poesia e mimos — como aquela do Príncipe Feliz, do tal Oscar Wilde, que Dona Benta nos leu. Aquilo sim. Até deixa a gente leve, leve, de tanta finura de beleza! (LOBATO, 1993, p. 18; 30).

Observa-se nesses trechos que para o escritor, o negro, na figura do povo, é taxado de ignorante, burro, sem delicadez, sem finura, artes ou qualquer filosofia. Todos criticam suas histórias, com ênfase na boneca Emília que além de comentar de forma negativa, ainda usa adjetivos pejorativos, considerando as histórias da cozinheira como sendo bobagens e coisas de negra velha.

[...] — disse Emília...E o castigo que o pássaro preto inventou? Então dar uma vara mágica a uma pessoa é castigar? Quem me dera ser castigada assim! Tudo bobagens de negra velha. Nessa história vejo uma feira de negras velhas, cada qual mais boba que a outra – que vão passando a história para diante, cada vez mais atrapalhada (LOBATO, 1993, p. 21).

A personagem Emília quase sempre usa outras palavras para se referir a Tia Nastácia. Não a chama de tia ou de Nastácia ou ainda de Dona Nastácia, mas de negra, preta ou usa outro adjetivo para inferiorizá-la. Dá a entender que ela, Tia Nastácia, é a única personagem que tem cor. Apenas no livro *Caçadas de Pedrinho*, Lobato faz nada menos que vinte e duas referências racistas.

É guerra e das boas. Não vai escapar ninguém — nem Tia Nastácia, que tem carne preta (LOBATO, 2012, p. 26).

Sim, era o único jeito — e Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão, pelo mastro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros (LOBATO, 2012, p. 39).

Monteiro Lobato ofende repetidamente Tia Nastácia. Não a chama apenas de macaca, mas de macaca de carvão, ou seja, preta. Desmerece inúmeras vezes seus traços físicos, como se estes fossem um problema. Ela era a beijuda, tinha a maior boca do mundo. Como negra, carregava os traços físicos de seu povo, mas isso não se encaixava nos padrões de beleza do homem branco europeu.

Para ele, ela era a boba, medrosa, ignorante e furrundu, que é um doce típico da culinária cuiabana. O doce é praticamente feito de cidra ralada ou mamão verde ralado, com rapadura derretida ou açúcar mascavo, o que lhe confere coloração escura (MT, 2018). Ou seja, associa a cor do doce de tonalidade escura, com Tia Nastácia, como negra.

— Estão vendo? — disse o onço, passando a língua pela beijaria. O nosso banquete vai começar pela sobremesa. O furrundu está dizendo que não aguenta mais e vai descer... (LOBATO, 2012, p. 40).

Repetidas vezes Tia Nastácia chama Dona Benta de Sinhá. Esta expressão remete ao tempo da escravidão e era empregada pelas escravas e escravos ao se dirigirem aos seus senhores.

Dona Benta voltou-se para tia Nastácia. — Vê, Nastácia, como está ficando este meu povinho? Falam como se fossem gente grande, das sabidas. Democracia para cá, folclórico para lá, mentalidade... Neste andar meu sítio acaba virando Universidade do Picapau Amarelo. — Emília já disse que a culpa é sua, sinhá. A senhora vive ensinando tantas coisas dos livros que eles acabam sabidões demais (LOBATO, 1993, p. 12).

Na casa grande, as negras eram também conhecidas como mucamas, escravas domésticas que auxiliavam a sinhá, dona da casa, nas suas tarefas diárias, as acompanhavam e serviam as vezes como amas de leite. A palavra sinhá é uma forma reduzida de senhora, criada pelos negros a partir da palavra sinhô. Já a palavra sinhô era uma forma popular para senhor e foi criada pelos africanos (MENDONÇA, 2012, p. 168).

E é mesmo, sinhá — confirmou a preta. — Outro dia esqueci de tampar a terrina de doce de laranja, e quando foi de manhã estava pretinha de formigas. As bobas se deixam grudar na calda e morrem afogadas. Bem feito! Quem manda serem gatuninhas? [...] — É mesmo! — disse Dona Benta voltando-se para Tia Nastácia. — Está aí um petisco que você nunca se lembrou de fazer. — E sei fazer, sinhá, sei fazer beijos dos mais gostosos, mas nunca encontro por aqui farinha boa. A da venda do Elias Turco não vale nada — é como o nariz dele [...] — Corra, Nastácia! Venha ver este fenômeno. A negra apareceu na sala, enxugando as mãos no avental. — Que é, sinhá? — perguntou. — A boneca de Narizinho está falando!... A boa negra deu uma risada gostosa, com a beijaria inteira. — Impossível, sinhá! Isso é coisa que nunca se viu. Narizinho está mangando com mecê (LOBATO, 2007, p. 18; 4633).

Quando o escritor dá voz a Tia Nastácia para ela chamar Dona Benta de sinhá, ele está reforçando que a escravidão ainda permanece viva no sítio.

CONCLUSÃO

Este trabalho procurou evidenciar nas quatro obras de Monteiro Lobato, Caçadas de Pedrinho, Histórias de Tia Nastácia, Reinações de Narizinho e Histórias do Mundo para Crianças seu posicionamento em relação ao racismo.

Tia Nastácia é frequentemente ofendida por ser negra, ter a sabedoria do povo brasileiro e carregar seus traços. Não teve oportunidade de ser alfabetizada, não sabe ler, segundo comentário de Dona Benta e provavelmente não saiba escrever. Sua condição é de uma escrava. Não tem filhos, apesar de já ser velha. Não há informações que ela receba um salário e guarda dinheiro. Não há sonhos, nem o sonho da liberdade.

Quando Lobato dá voz à personagem Tia Nastácia e esta chama Dona Benta de sinhá, ele está sugerindo que a escravidão ainda permanece no Sítio do Picapau Amarelo. Não é uma expressão carinhosa, é uma expressão que foi muito utilizada pelos negros ao se dirigirem aos seus senhores. Tia Nastácia está sempre ocupada com seus afazeres domésticos. Não descansa, não sai para visitar a cidade. Seu mundo é a cozinha, com saídas rápidas para outros lugares na casa e no sítio.

Ela é a negra de estimação, o que remete a ideia de um animal de estimação, ou seja, era posse de alguém, tinha um dono, ou melhor, uma dona, Dona Benta. Tia Nastácia carregou Lúcia em pequena. Essa era uma das funções das mucamas, escravas domésticas que serviam como amas de leite e babás, além de ajudar suas senhoras nas tarefas da casa.

O escritor ao dar voz aos personagens manifesta seus pensamentos mais íntimos e sua posição com relação ao racismo. Sua intenção ao escrever ao público infantil é enfatizar a posição do negro como inferior ao branco, é criar na consciência das crianças e jovens a ideia de que o lugar da raça negra é abaixo da branca, é uma classe que surgiu para servir e nunca ser servida. Ao se referir com desmerecimento aos negros, Lobato reforça a questão do racismo como estruturado na sociedade. Seus ideais eugênicos não deixaram de existir com sua morte, mas foram reproduzidos ao longo de décadas por inúmeros leitores, mesmo sem a completa consciência deles.

Nada justifica a ideia do escritor estar apenas retratando seu tempo. A escravidão já não era mais uma realidade quando lançou seus livros. O racismo existia, existe e continuará a existir, infelizmente. Justificar que Lobato retratou seu tempo é apenas perpetuar a condição inferior da raça negra.

Apesar das frases em que os negros são ofendidos e desmerecidos, a literatura lobatiana é rica. Seus livros, passando por minuciosa revisão, podem ser usados em salas de aula e salas de leitura, pois suas histórias despertam a imaginação. Porém, antes de minuciosa revisão, poderão ser usados para fins específicos, como por exemplo, para enfatizar como eram as literaturas no início do século XX e qual a posição dos escritores e sociedade em relação ao negro e ao racismo. Usado neste contexto, para esta finalidade, os professores poderão trazer uma discussão a respeito do racismo nos dias atuais, descrevê-lo como estruturado na sociedade, nas instituições, entre outras possibilidades.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, G. R. (1998). **Negros e brancos em São Paulo**. São Paulo, São Paulo, Brasil: Edusc.
- ARIANOS. (04 de 2021). Acesso em 29 de 11 de 2021, disponível em Enciclopédia do Holocausto: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/aryan-1>
- BIGNOTTO, C. (s.d.). **Lobato e o racismo**. Acesso em 30 de 11 de 2021, disponível em A menina centenária: <http://ameninacentenaria.bbm.usp.br/index.php/racismo-em-lobato/>
- BOLDORINI, M. G., & Rauen Moraes, T. M. (2016). **Monteiro Lobato: racista ou retratista de seu tempo?** *Diálogo das Letras*, 195-216.
- CADEMAROTI, L. (1987). **O que é literatura infantil** (3 ed. ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Editora Brasiliense.

CONAQ. coordenação nacional de articulação das comunidades negras rurais quilombolas. (s.d.). Acesso em 26 de 11 de 2021, disponível: <http://conaq.org.br/noticias/significado-de-racismo/>

CUNHA, M. A. (1987). **Literatura infantil, teoria e prática** (6 ed. ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Ática.

DIAS, M. (20 de 05 de 2013). **Monteiro Lobato, racista empedernido.** Acesso em 30 de 11 de 2021, disponível em Portal Geledés: <https://www.geledes.org.br/monteiro-lobato-racista-empedernido/>

ENCICLOPÉDIA Itaú cultural de arte e cultura brasileira. (s.d.). Acesso em 01 de 11 de 2021, disponível em Itaú Cultural: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa59/monteiro-lobato>

FERREIRA, M. d. (s.d.). **Monteiro Lobato.** Acesso em 01 de 11 de 2021, disponível em FGV CPDOC: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LOBATO,%20Monteiro.pdf>

GOMES, N. L. (1995). *A mulher negra que vi de perto.* Belo Horizonte, MG, Brasil: Ed. Mazza.

HASENBALG, C. A. (1979). **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil: Edições Graal.

LOBATO, M. (1956). **Miscelâneas** (7 ed. ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Brasiliense.

LOBATO, M. (1993). **Histórias de Tia Nastácia** (29 ed. ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Editora Brasiliense.

LOBATO, M. (2004). **Histórias do mundo para crianças** (38 ed. ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Editora Brasiliense.

LOBATO, M. (2007). **Reinações de Narizinho** (1 ed. ed., Vol. Volume 1). São Paulo, São Paulo, Brasil: Editora Globo.

LOBATO, M. (2012). **Caçadas de Pedrinho** (3 ed. ed.). São Paulo, São Paulo, Brasil: Editora Globo.

MAIO, M. C., & SANTOS, R. V. (31 de 05 de 2018). **Raça, ciência e sociedade.** Scielo Books, 7.

MARIZ, R. (25 de 09 de 2012). **MEC volta a debater Monteiro Lobato.** Fonte: Senado.leg: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/56247/noticia.htm?sequence=1&isAllowed=y>

MENDONÇA, R. (2012). **A influência africana no português do Brasil.** Brasília, Distrito Federal, Brasil: Fundação Alexandre de Gusmão.

MORAES, F. (2013). **No país do racismo institucional: dez anos de ações do gt racismo no MPPE.** Recife, Pernambuco, Brasil: Ministério Público de Pernambuco.

MT, G. (05 de 04 de 2018). **Mato Grosso notícias.** Acesso em 26 de 11 de 2021, disponível em G1: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/doce-tipico-da-culinaria-cuiabana-leva-5-ingredientes-aprenda.ghtml>

NASCIMENTO, A. d. (1978). **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra.

NOTÍCIAS STF. (12 de 09 de 2012). Fonte: Supremo Tribunal Federal: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=217743>

OLIVEIRA, L. L. (2002). **O Brasil dos imigrantes** (2 ed ed.). Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar.

ROSCHER, R. (s.d.). **Almanaque autores.** Acesso em 01 de 11 de 2021, disponível em Almanaque Folha Uol: <http://almanaque.folha.uol.com.br/monteirolobato.htm>

SANTANA, K. O. (25 de 03 de 2019). **Boletim**. Acesso em 28 de 10 de 2021, disponível em Universidade Federal de Minas Gerais: <https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/2051/lobato-e-o-choque-das-racas>

SILVA, A. d. (2011). **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil: Nova Fronteira.

SILVA, A. L. (Julho/dezembro de 2009). **Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade**. REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM, 2(nº 2), 137.

SILVA, D. N. (s.d.). **Mundo educação**. Acesso em 30 de 11 de 2021, disponível em Uol: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/ku-klux-klan.htm>

SILVA, V. M. (2009). **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura** (2 ed. ed.). Goiânia, Goiás, Brasil: Editora Goiânia.

SKIDMORE, T. E. (1976). **Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Paz e Terra.

ZILBERMAN, R. (2005). **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil: Objetiva.

Enviado em: 08/12/2021.

Aceito em: 20/12/2021.

RECIFAQUI
Revista Científica da Faculdade Quirinópolis